



UFRPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DANIELE MARIA SOARES DE CARVALHO

**PROCESSOS PEDAGÓGICOS: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA
DOCTRINA ESPÍRITA**

**RECIFE
2018**

DANIELE MARIA SOARES DE CARVALHO

**PROCESSOS PEDAGÓGICOS: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA
DOUTRINA ESPÍRITA**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciado(a) em Pedagogia, orientada pelo(a) Prof.^a Denise Maria Botelho

**RECIFE
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

C331p Carvalho, Daniele Maria Soares de.
Processos pedagógicos: um estudo de caso a partir da doutrina espírita / Daniele Maria Soares de Carvalho. – Recife, 2018.
50 f.: il.

Orientadora: Denise Maria Botelho.
TCC (Monografia) Pedagogia – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação, Recife, 2018.
Referências, apêndices e anexos.

1. Espiritismo 2. Educação não formal 3. Processos pedagógicos 4. Cultura de paz I. Botelho, Denise Maria, orient. II. Título

CDD 370

DANIELE MARIA SOARES DE CARVALHO

**PROCESSOS PEDAGÓGICOS: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA
DOUTRINA ESPÍRITA**

Data da defesa: 20 de fevereiro de 2018

Horário: 14:30min.

Local: Sala 7B – Bloco B - UFRPE

Banca Examinadora

Prof. Dr^a. Denise Maria Botelho
Orientadora

Prof. Dr^a. Fabiana Cristina Da Silva
Examinador(a) Interno(a)

Prof. Dr^a. Lilian Conceição da Silva P. de Lira
Examinador(a) Externo(a)

AGRADECIMENTOS

À Deus, causa primeira de todas as coisas, por ter me proporcionado à vida.

À mainha Leda e painho Almir, pelo apoio incondicional, pela fé sem limites, pelo amor, e acima de tudo, determinação em tornar suas filhas Educadoras.

À minha vó Maria, vô Pepeu, Tia Neta e toda família Soares de Carvalho pelo carinho, afago e incentivo em todos os momentos desta longa jornada.

À minha irmã Stefany, companheira de todas as horas, que sempre esteve junto, torcendo por mim. E a minha “irmã gêmea” Ariadne, “serzinho de luz”, que tantas alegrias trouxe para minha vida.

À Layla, meu amorzinho de quatro patas, que em tantos momentos me deu seu carinho, me tirando da “loucura” que foi este curso.

Às amigas que a vida me proporcionou, e que estarão comigo sempre: Isaura, Nadja, Laís, Priscilla, Beatriz, Andréa, Camila, Adriana, Karla, Bruna, amo todas vocês.

Aos colegas de curso, aos professores e professoras, aos personagens anônimos da UFRPE, que direta ou indiretamente corroboraram com esta conquista.

À todas as educadoras e educadores que passaram por minha vida, contribuindo com meu caminhar.

Às amigas e amigos de trabalho, Ana, Sandra, Luciana, Lígia, Renata, Daniele, Renan, sou grata por todo apoio.

À Marcos Solano, Graça Elenice e demais companheiros e companheiras do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde (GEPERGES), pessoas queridas que encontrei na UFRPE, e que quero ter em minha vida para sempre.

Às colaboradoras e colaboradores do centro espírita Amor, que contribuíram para a realização deste trabalho, minha eterna gratidão.

À minha orientadora, minha amada mestra Denise Botelho, pela partilha de saberes.

Aos meus alunos e alunas que a vida colocou em meu caminho.

À todas e todos, muito obrigada!

RESUMO

O presente estudo propõe uma discussão sobre os processos pedagógicos desenvolvidos a partir da doutrina Espírita. Embasados no campo da Educação não formal, buscamos compreender como se estruturam, e estabelecem práticas pedagógicas nesses espaços, e como estas poderão contribuir para a construção mais ampla do ser humano, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma Cultura de Paz, alicerçado a partir das pesquisas suscitadas por Maria da Glória Gohn (2011), Moacir Gadotti (2005), Ferdinand Röhr (2012), Anderson Brettas (2012), Marli André (2013), Robert Yin (2015), Celma Costa (2009), Eni Orlandi (2005), entre outros. Sob o enfoque da pesquisa qualitativa, elencamos o método do Estudo de Caso, tendo a observação não participante e a entrevista semiestruturada como instrumento para coleta de dados, que foram analisados a partir da Análise de Discurso.

Palavras-Chave: Espiritismo. Educação Não Formal. Processos Pedagógicos. Cultura de paz.

ABSTRACT

The present study proposes a discussion about educational processes developed from the spiritist doctrine. Based in the field of non-formal education, we seek to understand how structure, and establish pedagogical practices in these spaces, and how these can contribute to the broader construction of the human being, while developing a culture of peace, based from the research raised by Maria da Glória Gohn (2011), Moacir Gadotti (2005), Ferdinand Röhr (2012), Anderson Brettas (2012), Marli André (2013), Robert Yin (2015), Celma Costa (2009), Eni Orlandi (2005), among others. Under the qualitative research approach, we list the Case Study method, with non-participant observation and the semi-structured interview as an instrument for data collection, which were analyzed from the Discourse Analysis.

Key-words: Spiritism. Non-Formal Education. Pedagogical Processes. Culture of peace.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma da coleta de dados 30

Tabela 2 – Capítulos do Evangelho Segundo o Espiritismo utilizados nos planos de aula dos ciclos de evangelização infantojuvenil..... 36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. ALLAN KARDEC E O ESPIRITISMO.....	14
1.2. O ESPIRITISMO E ESPIRITUALISMO: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS.....	17
1.3. O ESPIRITISMO NO BRASIL.....	19

CAPÍTULO II: EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, ESPIRITISMO E A FORMAÇÃO HUMANA..... 21

CAPÍTULO III: CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA..... 28

CAPÍTULO IV: ESPIRITISMO E UMA EDUCAÇÃO PARA PAZ? 33

CONCLUSÃO.....41

REFERÊNCIAS..... 43

APÊNDICE A 47

APÊNDICE B 48

ANEXO I 49

ANEXO II 50

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país multicultural, agregando um número significativo de “culturas”, pensando a partir da perspectiva religiosa, existem manifestações diversas, mas nem todos os segmentos usufruem de respeito e de convívio harmonioso, dentre estas, podemos apontar o Espiritismo, doutrina alicerçada nos ensinamentos de Allan Kardec e tendo como fundamentos o processo evolutivo por meio de aprendizagens do espírito em processos reencarnatórios.

A educação pública brasileira, tem como princípio a laicidade¹, mas, é facultado o ensino religioso nas unidades educacionais, e a escassez de informações sistematizadas sobre os diversos segmentos da fé brasileira pode colaborar para a ausência de reflexões ou, ainda, cooperar com a propagação preconceituosa e deturpada de valores que têm como base a caridade e a elevação espiritual.

O professor e pesquisador Ferdinand Röhr (2012), em seus estudos sobre educação e espiritualidade destaca a relevância em se considerar, no campo educacional, uma visão mais integral do ser humano, opondo-se às éticas generalistas que procuram conceber os indivíduos sob um único modelo analítico. Deste modo, nossa análise procurou compreender como se desenvolvem os processos pedagógicos num Centro Espírita, descrevendo as ações dos\das agentes que atuam neste ambiente a fim de identificar, nos processos formativos desenvolvidos no espaço estudado, subsídios para uma Cultura de Paz.

As diretrizes apontadas pelos documentos oficiais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2010), define

¹ A laicidade configura-se na separação entre os poderes políticos e religiosos. Elcio Cecchetti (2016, p. 31) afirma que “enquanto princípio político-jurídico, a laicidade tem como fim último assegurar a “liberdade de consciência”, uma vez que a realidade social integra uma pluralidade de concepções de vida inevitavelmente heterogêneas. A “liberdade” resguarda as condições necessárias para que as consciências gozem de livre-arbítrio para pensar, opinar e acreditar naquilo que desejam. A “consciência” remete aos conteúdos de posicionamento individual, tais como ideias, pensamentos, opiniões e crenças, os quais inevitavelmente são distintos de um indivíduo para outro. Por conseguinte, um Estado laico não tem competências para proibir, negar ou interferir nas crenças, práticas e manifestações religiosas dos seus cidadãos, salvo quando atentam contra os direitos dos demais. A laicidade, portanto, trata de assegurar a igualdade de direitos, incluindo o direito à diferença, frente a qualquer ingerência, manipulação, imposição ou tentativas de homogeneização étnica, política, ideológica ou religiosa.

Cultura de Paz como um processo ativo de prevenção e resolução não-violenta de conflitos, visando promover ações educativas que suscitem fontes efetivas de paz, a partir de uma visão de interdependência e responsabilidade universal, cujos princípios preconizam a necessidade de aprender a viver junto; respeitar as diferenças; exercer a tolerância e solidariedade; promover valores e atitudes pacificadoras; desempenhar a cooperação; ter responsabilidade nas ações, entre outros.

Tendo como aporte conceitual as ideias suscitadas pelo campo da educação não formal, nossa investigação processou-se no centro espírita, identificado, nesta pesquisa, como Amor², localizado na zona norte da cidade do Recife (PE). Com mais de cinquenta anos de funcionamento e propagação da doutrina espírita, esse espaço desenvolve ações com os mais variados grupos etários e sociais.

O estudo alicerça-se teoricamente nas pesquisas de Maria da Glória Ghon (2011); Moacir Gadotti (2005); Maria Amélia Franco (2011); Ferdinand Röhr (2012); Celma Costa (2009); Robert Yin (2015); Rosilene Farias (2016); Marli André (2013); Edgar Morin (2007); Unesco (2010); Eni Orlandi (2005); Anderson Brettas (2012), entre outros estudiosos que nos fornecem relevantes concepções e ideias para melhor analisarmos o caráter educativo presente nas ações desenvolvidas no referido centro espírita, concebido neste trabalho como espaço de educação não formal.

Destacamos que neste estudo não abordamos, analiticamente, os aspectos religiosos do Espiritismo. Contudo, estes elementos estão imbricados nos processos pedagógicos desenvolvidos no espaço de estudo. Sendo assim, tais pontos estarão presentes em nosso trabalho. Portanto, nossa análise procurou problematizar as questões envoltas nos processos educacionais desenvolvidos num espaço espírita, e como estes influem em nossa sociedade.

De natureza qualitativa, nossa investigação utilizou como tipo de pesquisa o Estudo de Caso, no qual empregamos a técnica da observação não

²Nome fictício para preservar a identidade da organização religiosa e seguindo as determinações de ética na pesquisa.

participante e da entrevista semiestruturada para coleta de dados, que, por sua vez, foram analisados à luz da metodologia da Análise do Discurso.

Como explica Orlandi (2005), a Análise de Discurso nos possibilita compreender como um texto funciona, como ele produz sentido a partir da relação que “o dizer tem com o não-dizer”, ou seja, do que é evidenciado e o que fica implícito, subentendido. Neste sentido, a Análise de Discurso nos permitiu desenvolver uma interpretação dos dados coletados que vai além do conteúdo do texto.

Com isso, nosso estudo buscou fomentar um debate que amplie a concepção de educação e prática pedagógica, para além dos muros escolares, problematizando como as ações desenvolvidas em um centro espírita podem subsidiar uma Cultura de Paz.

Não apenas a escola, como a família, e a sociedade - conforme elucida a Constituição Federal de 1988, bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN 9.394/96) - tem papéis primordiais para a formação e transformação dos sujeitos. Assim, a partir de uma compreensão plural, que concebe os seres humanos como parte do Universo, os centros e casas espíritas procuram auto definir-se como espaços que fomentam aprendizados que visam a elaboração de uma educação pela ética e moral, que preconiza o desenvolvimento integral dos indivíduos, para que possam viver e atuar positivamente, em prol do bem comum.

Vivemos numa sociedade, no qual a violência se sobressai ao respeito, a justiça, a liberdade, a solidariedade e aos direitos humanos. Neste cenário, cada vez mais banalizam-se atos de agressão, brutalidade e conflito. Entretanto, esta realidade não deve normatizar-se. A construção de um mundo pacificado não deve estar salvaguardada apenas na existência de determinadas entidades e acordos. A prática da não-violência, em prol do bem-estar e desenvolvimento humano, que caracterizam a Cultura de Paz, depende de ações, tanto individuais quanto coletivas, fazendo-se necessária para a manutenção da vida.

Diante destas ideias, sentimos a necessidade de estudar a relação entre educação e espiritismo, pois compreendemos que tal discussão possibilita a

construção de reflexões sobre a ação educativa na sociedade atual, preocupada com a formação humana, em seus múltiplos aspectos e dimensões.

A motivação para esta pesquisa sobre educação e espiritismo nasceu de nossas vivências, pois desde muito jovens frequentamos um centro espírita. Outro elemento que nos impulsionou fomentar esta análise foi nossa participação no 7º Congresso Espírita para Pais e Educadores Infanto-juvenis, realizado no Recife, nos dias 6 e 7 de maio de 2017, promovido pela Comissão Estadual de Espiritismo (CEE)³.

Durante o encontro, diversos(as) palestrantes - cuja atuação profissional está diretamente atrelada à educação, seja ela formal ou não formal - destacavam a importância em se pensar como as relações educativas fomentadas e/ou desenvolvidas à luz do Espiritismo corroboram com a construção de uma sociedade mais equânime.

Diante disto, desenvolvemos um estudo analítico-descritivo que toma por base os elementos teóricos da educação não formal, a fim de investigar os processos pedagógicos desenvolvidos numa seara espírita.

No capítulo I procuramos contextualizar o Espiritismo, compreendendo o cenário no qual Allan Kardec, fundador da doutrina, estava imerso, a França positivista do século XIX, e como as ideias vigentes neste período subsidiaram o trabalho do mesmo. Também nos preocupamos em realizar, no decorrer desta parte de nosso estudo, uma breve historiografia do Espiritismo no Brasil.

O capítulo II, em linhas gerais, apresenta a fundamentação teórica que alicerça nossa pesquisa. Neste ponto, discutimos acerca da educação não formal e dos elementos atrelados à mesma. Posteriormente, buscamos debater a formação integral do ser humano, a partir de uma visão holística da educação, e como esta vem sendo desenvolvida em espaços espíritas.

O capítulo III é dedicado a metodologia empregada em nosso estudo. Assim, descrevemos desde os meios e instrumentos empregados para a coleta

³ Entidade Federativa cujo objetivo é promover a Doutrina Espírita em Pernambuco.

de dados no universo pesquisado, passando pela escolha dos sujeitos da pesquisa, bem como, a definição da metodologia de análise dos dados.

Por fim, o capítulo IV apresenta os resultados do estudo. A partir da análise das informações coletadas desenvolvemos relevante análise acerca do tema proposto.

CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. Allan Kardec e o Espiritismo

O Brasil concentra o maior número de Espíritas Kardecistas no mundo. Conforme indicam os dados do Censo 2010⁴, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 3,8 milhões de pessoas se declaram espíritas em nosso país. Apesar da ampla difusão desta religião em nosso território, a mesma tem sua origem no outro lado do Oceano Atlântico, mais especificamente na França positivista em meados dos anos 1800.

Em meio a *razão* e ao *cientificismo*, encontraremos a figura de Denizard Hippolyte Léon Rivail, hoje conhecido por Allan Kardec, considerado o codificador do Espiritismo. Rivail, nasceu na cidade de Lyon, no centro da França, no ano de 1804. Estudioso, tornou-se pedagogo ainda muito jovem, sendo discípulo do renomado educador Johann Henri Pestalozzi.

Rivail mudou-se para Paris no ano de 1820, onde vivenciou a efervescência proporcionada pelas “novas” ideias que tinham, especialmente na capital francesa, seu centro. Dedicando-se ao estudo e ensino da filosofia, astronomia, química e física, é nessa atmosfera que, alguns anos mais tarde, Rivail acaba interessando-se pelo fenômeno do magnetismo, muito popular nas cidades europeias daquela época.

Conforme destaca Celma Costa (2009), Rosilene Farias (2016), entre outros pesquisadores do espiritismo, foram os estudos acerca do magnetismo que conduziram Rivail a sistematização das ideias, que, mais adiante, dão corpo teórico a Doutrina Espírita.

O magnetismo era uma verdadeira “coqueluche” entre os intelectuais e as classes mais abastadas da sociedade parisiense, que promoviam diariamente sessões privadas no qual, objetos, como mesas ou cestas, se movimentavam sem que ninguém as manipulasse.

O fenômeno consistia no movimento circular realizado por uma mesa, que acreditavam ser provocado por espíritos, como

⁴IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico - 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/>. Acesso em: 18 ago. 2017.

resposta às indagações de um grupo de assistentes que desejavam estabelecer comunicação com os mortos. Eles reuniam frequentadores dos salões de toda a Europa, que buscavam mensagens obtidas a partir de batidas e movimentos produzidos por objetos que pareciam obedecer a uma força autônoma (FARIAS, 2016, p.3).

A partir de seus estudos e análises Rivail passa a defender a teoria de que estes fenômenos das mesas girantes se davam pela influência dos espíritos de pessoas fisicamente mortas, e não pela ação do fluido magnético universal que envolveria todos os seres, sendo estas as concepções preliminares que alicerçaram o espiritismo.

Conforme destaca a historiadora Rosilene Farias (2016, p. 3), quando passa a defender esta ideia de que haveria uma ação inteligente agindo sobre a matéria, Denizard Hippolyte Léon Rivail, adota o pseudônimo de Allan Kardec, nome pelo qual é conhecido até os dias atuais.

Kardec afirmava-se um “homem de ciência”, influenciado pelo Positivismo⁵. Assim, a fim de investigar os fenômenos ocorridos nas sessões de magnetização, utilizou a observação, a experimentação, a comparação, entre outros, para coletar informações. Foi deste modo que passou a compilar dados para a codificação espírita.

Os estudiosos do espiritismo o entendem como uma investigação científica que se transformou em religião, caracterizada pela caridade, também praticada pela forma de cura oferecida pelos espíritos de luz, por intermédio dos médiuns. Essa doutrina pressupõe que o diálogo com o espírito de um morto pode ocorrer com tanta naturalidade quanto aquela que acontece por intermédio da eletricidade (FARIAS, 2016, p. 2).

Defensor da ideia de que seria possível haver um intercâmbio entre o mundo material e o mundo espiritual, Kardec lança, no ano de 1857 a obra que inaugura o Espiritismo, denominada “O Livro dos Espíritos”. Sistematizado em forma de perguntas e respostas, que seriam ditadas pelos espíritos ou entidades espirituais consideradas mais “elevadas espiritualmente”, tal manual contém um

⁵ O Positivismo foi uma corrente filosófica que surgiu na França no século XIX, e que ganhou força por toda Europa e demais continentes. Defendia que a ciência, o rigor científico, seria o único meio pelo qual se poderia produzir um conhecimento válido; “verdadeiro”.

conjunto de ensinamentos, embasados na ética e moral, que auxiliariam os sujeitos a “progredirem no bem”, tomando como exemplo maior Jesus (FARIAS, 2016).

Devemos destacar alguns pontos importantes para compreendermos o Espiritismo. Nesta religião, Deus existe inquestionavelmente, sendo definido na primeira pergunta do “O Livro dos Espíritos”, como “a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas” (KARDEC, 2007, p. 65). O segundo elemento fundamental a doutrina é a aceitação da noção de que existem duas dimensões: uma material e tangível, e outra espiritual e mais sutil, sendo estas interligadas.

Segundo o Espiritismo a alma preservaria sua individualidade após a morte do corpo físico sendo possível, assim, as trocas (diretas ou indiretas) entre aqueles que habitam o mundo físico/material e o mundo espiritual. Os médiuns⁶ seriam os interlocutores entre esses dois planos. No item 159 do Livro dos Médiuns, Kardec, (2007, p. 59) traz a seguinte explicação:

médium é todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades quantas são as espécies de manifestações.

Kardec procurou nos postulados positivistas sustentação lógico-racional para sistematizar outras obras, que juntamente com “O Livros dos Espíritos”, formam o pentateuco⁷ espírita. Estas obras seriam, por ordem de publicação:

⁶ A palavra médium deriva do latim e significa medianeiro, ou quem está no meio. Allan Kardec, por sua vez utiliza o termo para denominar aqueles que servem de intermediário entre o mundo físico e o espiritual.

⁷ Os adeptos da Doutrina espírita chamam de pentateuco os cinco primeiros livros compilados por Allan Kardec, considerados os pilares teórico-filosóficos da religião. A palavra pentateuco é de origem grega, e significa “cinco estojos”, espaços onde eram armazenados os rolos ou papiros. De modo clássico, esta nomenclatura é comumente utilizada para designar, ao longo da História da Humanidade, os Cinco primeiros livros contidos no Antigo Testamento.

O Livros dos Médiuns (1861), que esclarece sobre as formas como ocorrem os fenômenos espíritas; *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), que discute os preceitos morais dos ensinamentos contidos no Evangelho; *O Céu e o Inferno* (1865), que enfatiza a noção de causalidade das penas e recompensas divinas, e *A Gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo* (1868), que informa sobre a doutrina espírita e sua abordagem científica (GIUMBELLI apud FARIAS, 2016, P. 4).

O Espiritismo ou Doutrina dos Espíritos, como elenca Kardec ao longo dos seus escritos, se autodenomina como ciência, filosofia e religião, “se atribuindo um caráter múltiplo, eclético” (COSTA, 2009, p. 13). Nesta perspectiva, a professora e pesquisadora Dora Incontri (2004, p. 20) afirma:

Quer esta doutrina unificar observação empírica, racionalidade filosófica e religiosidade natural, numa proposta epistemológica que ligue todas as áreas do conhecimento, desembocando tudo numa pedagogia. Como se pretende ciência, observando um fenômeno (o mediúnico) que a ciência oficial não aceita, como se pretende religião, sem ritos e hierarquias e igrejas organizadas, provavelmente encontra a resistência de cientistas, filósofos e religiosos, que podem considerar tal proposta a priori inconsistente.

Como salienta Incontri (2004), alguns pesquisadores não consideram este múltiplo caráter auto estabelecido pela Doutrina Espírita, especificamente ao que tange a sua face científica. Todavia, não entraremos no mérito desse debate, visto que, este não é nosso objeto de estudo.

1.2. O Espiritismo e Espiritualismo: semelhanças e diferenças

Para muitos, o Espiritismo não veio trazer nada de “novo”, visto que ao longo da humanidade sempre houve, no decorrer das organizações sociais, a crença na imortalidade da alma, num mundo extra físico, num “ser superior” criador de todas as coisas, etc., elementos estes presentes na milenar filosofia *Espiritualista*, por exemplo. Todavia, Espiritualismo e Espiritismo não são palavras sinônimas. Como elucida Celma Costa (2009, p. 33-34), “o espiritualismo, como uma das reflexões do homem quanto à sua origem e

destino, sempre esteve presente, de uma forma ou de outra. Espiritualistas são, portanto, pessoas, grupos religiosos, culturas quaisquer que acreditam na existência da alma ou espírito”.

Neste sentido, o espiritismo se aproxima do espiritualismo pois, ambas se distanciam do materialismo ao acreditarem na existência e imortalidade da alma. Estas ideias espiritualistas permeavam a França contemporânea de Allan Kardec, influenciado muitos estudos acerca do magnetismo, que, como já salientamos foi primordial para o surgimento do Espiritismo. Entretanto, a filosofia espiritualista é mais abrangente, englobando elementos religiosos diversos, como também elementos não religiosos.

Sobre o espiritualismo, e sua influência no Espiritismo kardecista, na obra O Livro dos Espíritos (2007, p. 15-16) afirma:

Para se desguiarem coisas novas são precisos termos novos. Assim, o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm acepção bem definida. Dar-lhes outras, para aplica-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, empregaremos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos *espírita* e *espiritismo* cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que por isso, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo *espiritualismo* a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina *espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão *espíritas*, ou, se quiserem os espiritistas.

Neste sentido, Kardec referenda a importância das concepções desenvolvidas pelo Espiritualismo, ao longo dos séculos, contudo, define uma sutil, porém relevante diferenciação ao afirmar que o Espiritismo defende a comunicabilidade entre o mundo físico/material e o mundo espiritual, onde

estariam os espíritos daqueles que morrem⁸. Assim, “a Doutrina Espírita é para Kardec o ensinamento dado pelos Espíritos em suas comunicações por meio dos médiuns” (COSTA, 2009, p. 44).

1.3. O espiritismo no Brasil

Como já elencando no início de nossos escritos, o Espiritismo encontra solo fecundo no Brasil, todavia, a religião não tem suas origens em nosso país. Segundo afirma a historiadora Rosilene Gomes Farias (2016), a Doutrina dos Espíritos é trazida da Europa para o Brasil a partir da segunda metade do século XIX.

Neste período, o país passava por significativas transformações política, sociais, econômica e culturais. Haviam, por exemplo, movimentos elitistas reivindicando o fim do Regime Monárquico; bem como grupos abolicionistas indo de encontro ao sistema escravista; paralelamente, começa a se constituir um “novo” grupo hegemônico, derivado da monocultura cafeeira do Oeste paulista, entre outros.

Neste cenário, destacamos que o catolicismo se encontrava bastante enfraquecido, uma vez que a sociedade brasileira da época passava por um processo de secularização (Farias, 2016). Esta realidade foi um ponto relevante para a disseminação do Espiritismo no Brasil.

Farias (2016, p. 5) afirma:

a crise do catolicismo brasileiro se consolidou no século XIX, com a chegada do protestantismo ao país, através de tratados e permissão da Coroa. (...). No bojo desse processo, o Espiritismo foi introduzido no Brasil (...). O Livro dos Espíritos foi trazido por viajantes franceses que visitavam o país na década de 1860. Inicialmente, na Corte do Rio de Janeiro, intelectuais brasileiros e franceses estudavam a doutrina, acessível apenas na língua francesa.

⁸Para o Espiritismo o termo morte é empregado apenas para designar o desligamento do espírito do corpo físico, da matéria mais densa. Para filosofia espírita, o termo mais coerente seria *desencarnar*.

Nota-se que apenas as camadas mais abastadas da sociedade brasileira, naquele momento histórico têm acesso à filosofia Espírita. Farias (2016), em seus escritos destaca que, por alguns anos a doutrina dos espíritos ficou circunscrita à elite do Rio de Janeiro.

Foi no estado da Bahia, que encontramos, anos mais tarde, as primeiras evidências da presença do Espiritismo fora do Rio de Janeiro. Conforme aponta a historiografia, teria sido justamente neste estado que se funda o primeiro centro espírita do Brasil, no ano de 1865, na cidade de Salvador. “Os primeiros frequentadores do *Grupo Familiar do Espiritismo* eram literatos e médicos, ocorrendo também adesão das diversas camadas da população no final do século XIX (MACHADO apud FARIAS, 2016, P. 6) ”.

Em Pernambuco, o espiritismo aporta no final do século XIX.

A doutrina espírita foi percebida pelas elites intelectuais simpatizantes como uma moral científica a ser aplicada na busca pela justiça social. Ainda no século XIX, ela chegava ao conhecimento das camadas populares, sendo entendida como uma crença que diminuía as distâncias sociais entre os homens (FARIAS, 2016, p.7).

Ao longo do século XX o Espiritismo faz-se presente nos diversos segmentos que formam a sociedade brasileira, destacando-se, como um dos principais difusores da doutrina, o médico e político Adolpho Bezerra de Menezes, conhecido como o “médico dos pobres”, e o médium Francisco Cândido Xavier, conhecido como Chico Xavier.

Na sequência, apresentaremos nossa fundamentação teórica, no qual discutimos conceitos e concepções acerca da educação não formal, e como esta nos fornece subsídios para compreendermos os processos pedagógicos desenvolvidos a partir da doutrina espírita.

CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, ESPIRITISMO E A FORMAÇÃO HUMANA

Maria Amélia Franco (2011), nos convida à reflexão quando afirma que a educação se desenvolve em todos os espaços e segmentos que compõem uma sociedade. Assim, conforme Ferreira e Medeiros (2012, p. 2), faz-se necessário “expandir a intencionalidade educativa para diversos outros contextos, abrangendo diferentes tipos de formação necessários à cidadania”. Essa “intencionalidade educativa” - aponta por Ferreira e Medeiros (2012) - não escolares, mas planejada, e que se faz presente nas ações da educação não formal, está alicerçada na concepção de cidadania enquanto “ação política construída paulatinamente por homens e mulheres para transformação de um a realidade específica, pela ampliação de direitos comuns” (SILVA E SILVA, 2006, p. 47).

De acordo com Rodrigues (2013, p. 2) “o processo educativo não pode ficar centrado apenas numa modalidade educativa e num único espaço”. Esta afirmativa referenda-se nos estudos de Vera Candau (2010), quando a mesma nos convoca à reflexão acerca da importância em se compreender ambientes não escolares como novos espaços educativos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN 9.394\96), em seu artigo 1º, estabelece que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Nesse contexto, os conceitos de socialização e educação estão estreitamente relacionados. Conforme salienta o pesquisador Carlos Eduardo Souza Vianna (2006, p. 130), educação é um processo que vai além de ensinar e instruir, não estando circunscrito apenas a um único espaço. “A educação, em sentido amplo, representa tudo aquilo que pode ser feito para desenvolver o ser

humano e, no sentido estrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades”. Já a socialização pode ser compreendida como um processo dinâmico e complexo das interações sociais, segundo destaca o pensador Norbert Elias (1994).

A pesquisadora Maria Luiza Belloni (2007, p. 59), afirma que:

O processo de socialização é o espaço privilegiado da transmissão social dos sistemas de valores, dos modos de vida, das crenças e das representações, dos papéis sociais e dos modelos de comportamento. Este processo de aprendizagem varia de acordo com o universo de socialização, forçosamente diferente segundo a origem social da criança, definida pela sociedade onde ela vive, pela classe social a que pertence e pelo grupo familiar.

Com base Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN 9.394\96), que salvaguarda os diversos processos formativos que conceituam e corporificam a educação em nosso país, observa-se a importância em se analisar como vem sendo desenvolvida a educação para além dos ambientes escolares.

Neste sentido, faz-se relevante compreender como práticas pedagógicas vêm sendo desenvolvidas em espaços de educação não formal, visto que os processos formativos não se desenvolvem, como elucidado, apenas nos ambientes da escola regular. Assim, não se concebe mais a instituição “escola” como único ambiente educativo, onde se constroem saberes e conhecimentos.

Segundo Maria da Gloria Gohn (2014, p. 38):

Cada vez mais os organismos internacionais do campo educativo preconizam que os indivíduos devem estar continuamente aprendendo, que a escola formal não basta, que se deve aprender a aprender. Os conteúdos rígidos dos currículos são questionados, novos saberes são descobertos-identificados fora das instituições escolares, fundamentais para o crescimento\desenvolvimento dos indivíduos enquanto seres humanos.

Percebe-se que “novos espaços de difusão e de reconstrução de conhecimentos” (GADOTTI, 2005, p. 3), como organizações não

governamentais, sindicatos, centros comunitários, instituições religiosas, etc., fomentam experiências educativas, numa perspectiva de formação para cidadania, pautada em princípios éticos.

A educação não formal, concebida como um “processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania” (GOHN, 2014, p. 40), não substitui a educação formal, mas também, não pode ser entendida como item secundário, uma vez que “na Educação não formal, essa educação volta-se para a formação de cidadãos(as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres para com o(s) outro(s)” (GOHN, 2014, p. 40).

Portanto, analisar o caráter educativo presente nas ações desenvolvidas numa casa espírita contribui para que possamos conceber uma sociedade em transformação, cuja formação mais ampla do ser humano está no cerne das discussões.

Röhr (2010, p. 2) compreende:

a Educação como um processo que tem como objetivo contribuir para a formação humana, no sentido de humanizar o educando. Assim, não podemos excluir da Educação a tarefa de buscar tornar o educando um ser que orienta o seu agir em princípios éticos.

As concepções desenvolvidas por Röhr (2012), nos é propícia, pois, analisar o processo de formação integral dos sujeitos nos possibilita refletir sobre uma sociedade em transformação social, política, econômica, cultural, etc., que cada vez mais vem demonstrando novos anseios que extrapolam a esfera material-capitalista.

Assim, ao estudarmos a relação entre espiritismo e educação, a partir da concepção holística da educação, que

prioriza a formação do ser humano, na globalidade de sua inteireza e sedimentação da experiência transdisciplinar que congrega os mais diversos campos de saber, no fluxo da coexistência vigorosa e criadora entre suas diversidades, o que vai proporcionando o desenvolvimento da compreensão e vivência cada vez mais ampla da totalidade de nosso ser com o todo do universo\pluriverso (ARAÚJO, 1999. P. 14)

procuramos problematizar como o Centro Espírita Amor desenvolve variados processos pedagógicos, como grupos de estudos dirigidos, rodas de diálogos, leituras sistematizadas, debates regrados, entre outros, que, de modo sistemático, buscam favorecer a aprendizagem de valores e princípios pautados na ética e na moral, seguindo objetivos específicos, a fim de “possibilitar aos indivíduos a participação consciente, ativa, crítica, na vida social global” (LIBANÊO apud FERREIRA E MEDEIROS, 2012, p. 7), corroborando com o desenvolvimento de uma Cultura de Paz.

Os processos pedagógicos, ao quais dedicamos nossas análises, são compreendidos, segundo afirma Amaro (2009, p.59), como

ações/atividades/comportamentos/formas de se organizar e acionar a movimentação da construção do saber, do processo de aprendizado. Eles são articulados e organizados em função dos princípios de educação e das finalidades estabelecidas pela articulação de necessidades/possibilidades/contexto temporal, espacial, cognitivo, afetivo, cultural, social, político, vivido pelos sujeitos envolvidos.

A Doutrina Espírita toma como elementos basilares de seus processos pedagógicos, os preceitos humanistas, que preconizam o amor, a fraternidade, a equidade e a justiça, a fim de desenvolver uma proposta educativa de “educação pela moral, com o propósito de conduzir, no processo evolutivo, o desenvolvimento integral e espiritual dos seres humanos” (COSTA, 2009). Na concepção espírita as pessoas só estarão em harmonia quando o desenvolvimento de suas faculdades físicas, corpóreas e mentais estiverem em consonâncias com sua espiritualidade. Portanto, no espiritismo é incoerente preconizar apenas o corpo e a mente e deixar, à parte, a esfera espiritual, ou vice-versa.

Seguindo este postulado de educação pela moral, observa-se, segundo destaca Costa (2009, p. 24), “o ideário espírita de educação do ser integral, cooperativo, fraterno”. Tal ideário vem, conforme os estudos de Celma Costa (2009) e Anderson Brettas (2012), possibilitando correlacionar o Espiritismo com a Cultura de Paz, uma vez que o mesmo imbrica o desenvolvimento humano,

em sua acepção mais ampla e plural, com ações, individuais e coletivas de não-violência e bem comum.

Neste sentido, tomando as palavras do mestre Edgar Morin (2007), no que se refere à educação do futuro, podemos conjecturar que os ambientes espíritas, bem como outros espaços, instituições e sujeitos preocupados com o “destino planetário”, e que veem na educação um poderoso meio, estão desempenhando um papel primordial pois consideram, nesta perspectiva que

civilizar e solidarizar a Terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda educação que aspira não apenas o progresso, mas à sobrevivência da humanidade. A consciência de nossa humanidade nesta era planetária deveria conduzir-nos à solidariedade e à comiseração recíproca de indivíduo para indivíduo, de todos para todos (MORIN, 2007, p. 78).

Allan Kardec, ao longo de seus estudos, considerava que a educação é condição indispensável à evolução dos sujeitos, formando o “homem de bem”. Tais ideias de Kardec, tem sua base na obra do filósofo grego Platão que “propunha a educação moral, o cultivo da virtude, a autonomia espiritual, a consciência de si mesmo” (COSTA, 2009, p. 124).

Sorvendo as ideias do filósofo grego, Allan Kardec afirmava:

a educação é a arte de formar homens, isto é, a arte de neles fazer surgir os germes das virtudes e reprimir os do vício; de desenvolver sua inteligência e dar-lhes a instrução adequada às suas necessidades; enfim, de formar o corpo e de lhes dar a força e a saúde. Em uma palavra, o objetivo da educação consiste no desenvolvimento simultâneo das faculdades morais, físicas e intelectuais. Eis aí o que todos repetem, mas o que não se pratica.

Costa destaca que, imersos nesta ideia de Platão, o “Espiritismo propõe que a virtude pode e deve ser ensinada; que pela reflexão interior, o indivíduo cresce em qualidades morais; que os conhecimentos dos valores humanos é a maior aquisição pessoal. Esse é o caminho do bem, a ser partilhado pelo homem”. (2009, p. 124)

Tal concepção se processará na doutrina espírita a partir de práticas educativas que consideram não apenas a dimensão material, mas principalmente a dimensão espiritual dos seres, num processo que concebe a integralidade dos sujeitos, opondo-se a dicotomia corpo-mente\alma.

No que tange esta compreensão de formação integral dos indivíduos, Röhr (2010, p. 2) destaca a importância em subsidiar uma “educação que ajude o educando a se constituir um se ético”. Neste sentido, a construção de um ser pacificador, consciente de seus direitos e, acima de tudo, deveres, que nutre ações, a partir de uma educação ética, para não-violência configurar-se-á como um elemento primordial para o Espiritismo.

Percebe-se assim, que o processo de formação/transformação dos sujeitos pela educação, preconizado nos princípios espíritas, tem por pilares as noções de ética e moral. Allan Kardec buscou na filosofia grega pautar os escritos de sua doutrina, no que se refere a ética, compreendida em sua historicidade e particularidade, como elemento atrelado a práxis; as relações humanas, cujas ações afetam uns aos outros (SILVA E SILVA, 2006, p. 123).

Conceituar o termo “ética” não é tarefa das mais fáceis, pois “envolve ao mesmo tempo reflexões metafísicas e reflexões sobre os problemas concretos da vida cotidiana” (SILVA E SILVA, 2006, p. 119).

Nicola Abbagnano (1998) afirma a

ética como ciência da moral, ou ciência da conduta, que possui duas concepções fundamentais: uma que considera a ética uma ciência do fim para o qual a conduta dos homens deve ser orientada; e outra que se preocupa menos com o fim e mais com a investigação das questões que impulsionam a conduta humana (SILVA E SILVA, 2006, p. 119).

Percebe-se assim, que ética e moral coexistem num mesmo espaço, sendo a moral o objeto da ética. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2010, p. 516), define moral como “conjunto de regras de conduta humana que regem socialmente determinado grupo”. Assim sendo, de modo geral, pode-se compreender que a ética busca conhecer, investigar e elucidar as normas que organizam um grupo social, ao passo que moral procura fixar estas normas.

De modo sistemático, nota-se que todas as ações espíritas estão embasadas na ética e na moral, a fim de orientar os sujeitos no exercício do bem, evitando extremos e, principalmente vícios, que podem, conforme a concepção espírita, dificultar a evolução individual e coletiva.

Após evidenciarmos nosso aporte teórico, demonstraremos a seguir nosso percurso metodológico e como este estruturou nosso estudo.

CAPÍTULO III: CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

A abordagem da temática em questão se desenvolveu sob o enfoque da pesquisa de natureza qualitativa. De acordo com André (1983) - a análise qualitativa dos dados - visa apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar os diferentes significados de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto.

Segundo Minayo (1994, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, e atitudes, que o corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operações de variáveis.

Nesta perspectiva da pesquisa qualitativa, elencamos como método de investigação o Estudo de Caso, pois este “contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos de fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos” (YIN, 2013, p. 21).

Portanto, como estamos analisando uma realidade específica, imersa num determinado contexto sociocultural, consideramos que o Estudo de Caso oferece uma abordagem que possibilita

descrever ações e comportamentos, captar significados, analisar interações, compreender e interpretar linguagens, estudar representações, sem desvinculá-los do contexto e das circunstâncias especiais em que se manifestam” (ANDRÉ, 2013, p. 97).

Nossa análise tem como universo pesquisado o Centro Espírita Amor, instituição religiosa e filantrópica, localizada na zona norte da cidade do Recife (PE), que toma como diretrizes os ensinamentos codificados por Allan Kardec. Fundada a mais de cinquenta anos, a casa espírita desenvolve atividades diversificadas, que vão desde a divulgação e prática do Espiritismo, passando pelo amparo, no lar geriátrico, a mais de 10 idosas; campanha de arrecadação e doação de alimentos; suporte médico-psicológico a 15 gestantes de baixa renda; entre outros.

Neste cenário, nosso estudo envolve diferentes indivíduos, que compõem a seara espírita Amor como sujeitos da pesquisa. A pesquisa foi dividida em etapas. Inicialmente, para nossa coleta de dados, realizamos onze visitas e observações não participantes nas turmas de evangelização infanto-juvenil, bem como nas aulas e palestras públicas oferecidas no Centro Espírita Amor, a fim de percebermos e analisarmos como são sistematizados e organizados os processos educativos.

A primeira turma observada foi o *Grupo 1*, mediado pelas evangelizadoras D e F. A classe era formada por crianças entre 3 e 4 anos de idade, tendo um número alternado de membros.

Estruturalmente, o espaço onde ocorrem as aulas do *Grupo 1* possui boa infraestrutura, contando com um equipamento de ar-condicionado, um ventilador, um lixeiro, quatro mesas e dezesseis cadeiras adaptas à estatura das crianças, uma estante com livros infantis, um quadro e dois armários com materiais diversos, tais como: lápis de cor, cola, papéis coloridos, tintas, algodão, entre outros.

A segunda turma de evangelização, partícipe de nossa análise, foi o *Grupo 2*, formado por crianças entre 5 e 7 anos de idade, mediadas pelas evangelizadoras M e L.

Diferente do *Grupo 1*, que possui uma sala específica para os encontros, esta classe utiliza a biblioteca do centro para realizar seus encontros. Em formato retangular o espaço possui um ar-condicionado, duas mesas grandes com dezesseis cadeiras, e um lixeiro. Além disso, há ainda uma mesa e um computador, utilizados apenas para registro de entrada e saída dos materiais da biblioteca, seis estantes com livros, bem como um armário com materiais de papelaria, utilizados pelas crianças.

Essa etapa de nossa pesquisa foi deveras relevante pois, segundo destaca Martins (2008, p. 23): “a observação, ao mesmo tempo em que permite a coleta de dados de situações, envolve a percepção sensorial do observador, distinguindo-se, enquanto prática científica, da observação diária”.

Sobre a relevância da observação nas abordagens qualitativas Lüdke afirma (1986, p.26): “usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta de dados, a observação possibilita um

contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens”.

Ao lado da observação não participante, elencamos, em nosso estudo, a entrevistas semiestruturadas como instrumento para coleta de dados com os sujeitos de nossa pesquisa, pois, como salienta Triviños (1987. p.146):

A entrevista semiestruturada, ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação. Podemos entender por pesquisa semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

As observações não participantes e as entrevistas semiestruturadas estão sistematizadas na tabela a seguir:

OBSERVAÇÕES NÃO-PARTICIPANTES	ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS
Palestras públicas: 07/08/2017 09/08/2017 14/08/2017 21/08/2017 28/08/2017	Entrevista 1 Data: 22\09\2017 Evangelizadora D Idade: 36 anos 27 anos frequentando o Centro Amor
Grupo 1 (Evangelição): 17/09/2017 24/09/2017	Entrevista 2 Data: 24\09\2017 Evangelizadora F Idade: 40 anos Mais de 10 anos frequentando o Centro Amor
Grupo 2 (Evangelição): 01/10/2017 15/10/2017 05/11/2017 19/11/2017	Entrevista 3 Data: 18\10\2017 Evangelizadora M Idade: Não informada 06 anos frequentando o Centro Amor

	Entrevista 4 Data: 20\11\2017 Evangelizadora L Idade: 42 anos 10 anos frequentando o Centro Amor
--	--

Os dados coletados foram sistematizados e analisados a partir da Análise de Discurso, a fim de proporcionar o desenvolvimento de um exame que seja relevante, e possibilite compreender como se desenvolvem os processos pedagógicos no referido Centro Espírita, e como este vem dialogando com a sociedade.

Segundo Silva e Silva “a Análise do Discurso constitui uma metodologia que tem como objetivo explicar como o discurso funciona historicamente e como transmite uma ideologia. Nessa disciplina a ideologia é definida como o direcionamento político dado ao discurso” (2006, p. 101).

Em nosso estudo categorizamos e analisamos os dados coletados tomando por base os seguintes elementos da Análise de Discurso: condições de produção do discurso, buscando compreender quem são os sujeitos e em que situações e contextos sociais, históricos e ideológicos geram seus discursos; quais as formações discursivas, ou seja, quais os posicionamentos ideológicos fomentam e atrelam sentido ao que é feito; de que modo o interdiscurso - que relaciona a memória ao discurso, a fim de conferir significado, ao mesmo, ao longo do tempo - se faz presente; quais as relações de sentido e de poder são estabelecidas na produção dos discurso; e, por fim, como os esquecimentos influem o “falar” dos sujeitos, num processo de escolha de palavras e ações, que pode ser também inconsciente, neste caso reflexo da ideologia.

Conforme Orlandi (2005), o princípio fundamental da Análise de Discurso é a interpretação, que vai além do conteúdo do texto, uma vez que

para a Análise do Discurso, o importante não é saber o que um texto quer dizer, mas como ele diz o que diz, ou seja, como os elementos linguísticos, históricos e sociais que o compõem fazem sentido juntos. Esse questionamento vem do fato de que a língua não é autônoma, e tanto ela quanto os indivíduos não têm controle sobre como essas coisas o afetam, o que o isenta da responsabilidade pelos sentidos produzidos no discurso, já que esses são diretamente influenciados pelo meio social e pelo

contexto histórico, que foge ao seu controle (SILVA E SILVA, 2006, p. 102)

Partindo dessas ideias, consideramos que tal metodologia nos proporciona melhores condições de estudo, pois ao analisarmos os vários discursos dos(as) pesquisados(as), temos a possibilidade de ir além das concepções “unívocas, de aparência logicamente estável” (PÉCHEUX, 2002, p. 28).

Com base nesses elementos suscitados a partir da pesquisa qualitativa, a etapa subsequente de nossa pesquisa revelará a análise dos dados coletados.

CAPÍTULO IV: ESPIRITISMO E UMA EDUCAÇÃO PARA PAZ?

Como já expusemos, ao longo dos nossos escritos, buscamos analisar os processos pedagógicos desenvolvidos no Centro Espírita Amor, e como estes fomentam subsídios para uma Cultura de Paz. No decorrer de onze visitas e observações no Centro fomos dialogando e construindo análises com os sujeitos pertencentes ao lugar.

Considerada uma das casas espíritas mais antigas e conhecidas do Recife, o Centro Espírita Amor, diferente de muitas searas espíritas, possui relevante estrutura física e administrativa. Contando com uma sede própria dividida em três andares, localizamos biblioteca, livraria, auditório para mais de cem pessoas, rampas de acessibilidade, elevador, pátio e parque, cozinha, copa, além de acomodações para mais de dez idosos, que fazem parte do Lar geriátrico mantido pela casa, bem como enfermeiros que auxiliam nos cuidados com as anciãs.

Possuindo empregados contratados, e também voluntários, o referido centro se mantém com recursos oriundos de doações e parcerias público-privadas. Em nossas análises nos dedicamos a observação apenas do trabalho voluntário desenvolvida pelos(as) evangelizadores(as), já que este aproxima-se de nossos objetivos proposto na pesquisa.

Inicialmente, participamos de palestras públicas, a fim de nos familiarizarmos com o Centro. Nessas observações notamos elementos recorrentes, tais como: a ausência de imagens de santos nos espaços da casa; extremo silêncio nos ambientes; falas comedidas e em tons amenos, por parte dos palestrantes; predominância de cores claras, como o branco e azul nos ambientes, e recorrência do discurso cristão, historicamente construído.

Ao examinarmos as palestras e as aulas de evangelização para crianças e adolescentes, observamos processos sistematizados, com planos de ação - elaborados e distribuídos gratuitamente pela Federação Espírita Brasileira (FEB)⁹, e organizados no anexo da pesquisa - cujos objetivos buscam favorecer

⁹ Federação Espírita Brasileira (FEB). **Conduta espírita e vivência evangélica**: planos de aula. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/>. Acesso em: 20 set. 2017.

a promoção da doutrina, e dos ensinamentos de Jesus, de amor, caridade, benevolência e perdão.

De modo didático, utilizando-se de metodologias de ensino como o debate, a aula expositiva dialogada, a tempestade de ideias, entre outros, os agentes pedagógicos da casa procuram promover ações que favoreçam uma aprendizagem, alicerçada em princípios humanistas.

A pesquisadora Dora Incontri (2006, p. 15), que no decorrer de seus estudos procura compreender a educação sob a ótica da espiritualidade, promove significativas reflexões ao afirmar que a filosofia espírita tem “uma densidade conceitual e uma contribuição inédita a dar para a cultura contemporânea, que passa por um momento de perplexidade”. Allan Kardec, ao codificar a Doutrina Espírita, falava de uma “Educação Espírita” que, segundo Costa (2009, p. 146), “pode ser entendida como “evolução espiritual de cada pessoa”. O Espiritismo tem como um de seus pilares a “reforma íntima”, ou seja, um processo de “autoeducação, no qual há o esforço de cada indivíduo em se tornar um homem de bem” (COSTA, 2009, p. 146).

Em meio a uma contemporaneidade “imersa” nos vícios¹⁰, e na violência, observa-se um movimento de busca por novos significados para a existência humana, e vida na Terra, que vão além da esfera física\material. Com isso, ao realizarmos nossas observações e entrevistas semiestruturadas, notamos no discurso e prática dos palestrantes e\ou dirigentes dos trabalhos ofertados no casa espírita Amor, relevante destaque dado ao “exercício da reforma íntima”, e como esta contribui para o bem estar, individual e coletivo, isso desde a mais tenra idade, pois, nas aulas denominadas de evangelização, aplicadas à crianças e a adolescentes, com a função de ensinar os preceitos práticos e filosóficos da religião, tal temática está sempre presente.

Tomando os exemplos de Jesus¹¹, os(as) oradores(as) vão produzindo seus discursos, materializando a ideologia espírita, da prática do bem na vida em sociedade, num exercício de alteridade, no qual, se aprende a viver junto,

¹⁰ Todas as ações que almejam favorecer quaisquer aprendizagens sob a ótica espírita tem como objetivo o combate aos vícios, individuais e coletivos, pois busca-se a virtude, o equilíbrio.

¹¹ Para o Espiritismo Deus existe inquestionavelmente, e Jesus foi seu maior exemplo de amor, caridade e bondade na Terra, sendo considerado um ser pacificador.

respeitando as diferenças, tendo o diálogo como elemento basilar, tal qual preconizam os pareceres formulados pela Unesco (2010), acerca da Cultura de Paz. Estes elementos podem ser percebidos no relato da dirigente D, evangelizadora das turmas para crianças entre 3 e 4 anos:

(...) através dos ensinamentos de Jesus, percebemos a necessidade de respeitar o próximo, de ter boas maneiras. Isso influenciam muito na formação do caráter de uma criança, por experiência própria. Eu falo que os conhecimentos que eu adquiri no Centro influenciaram muito na formação da minha personalidade, em relação a querer ajudar o próximo, em pensar antes de fazer uma coisa, por causa da consequência dos meus atos. Então eu acredito que influencia muito que os ensinamentos, as ações desenvolvidas no centro contribuem para pensar de forma mais pacífica; para conviver melhor com outras pessoas (...). (Evangelizadora D, 2017).

Discurso semelhante encontramos numa outra dirigente, a evangelizadora M, responsável pelas turmas com crianças entre 5 e 7 anos:

(...) aprendemos com bons exemplos, exemplos de vida de pessoas mais iluminadas, como Jesus. Aprendemos também com os nossos exemplos, no nosso dia-a-dia, com nossas qualidades e nossos defeitos, a gente aprende no cotidiano, tentando que cada dia seja um dia melhor que o anterior. É sempre buscando o exemplo, a melhora individual e coletiva. Eu considero que as ações do Centro contribuem para uma sociedade melhor, com uma Cultura de Paz, isso eu tenho certeza, porque nossos ensinamentos, o que lemos, e tudo o que a gente escuta na Doutrina é buscando uma melhora pessoal, de cada um, mas também buscando que cada pessoa procure ajudar o outro. O amor ao próximo acima de tudo. A gente se melhora quando olha para o lado e enxerga que outras pessoas precisam do nosso amor, da nossa atenção, do nosso carinho, e que olhar apenas para si não leva a lugar nenhum, que a gente não se melhora sozinho. A gente se melhora quando se dá as mãos, e quando estamos juntos, visando o bem de todos. (Evangelizadora M, 2017).

Nota-se que nesses discursos, o contexto sócio-histórico-ideológico é fundamental para considerarmos os efeitos de sentido. A história e a memória tem papéis primordiais na fala desses sujeitos. Neste sentido, voltando ao discurso espírita, para que a fala dos palestrantes e/ou evangelizadores(as) tenham significado, estes constantemente vão buscar na história e na memória aquilo que já foi falado antes, neste caso, afinam-se às palavras atribuídas a

Jesus, no discurso judaico-cristão, que referenda sentido, mas sobretudo poder ao que está sendo dito.

Assim, conforme afirma Orlandi (2005, p. 39),

Não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim, como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

A noção de benevolência, amor, caridade e respeito, que são fundamentais para o desenvolvimento da Cultura de Paz, pautadas no desenvolvimento da não-violência, e identificadas na fala e práticas pedagógicas dos sujeitos partícipes destes estudos, tem sua base principalmente nos capítulos IX, X, XI e XII do *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Nestes tópicos encontraremos, por exemplo, as seguintes instruções e reflexões:

Título do capítulo	Subtítulos
Capítulo IX – Bem-aventurados os que são dóceis e pacíficos.	Injúrias e violências; Instrução dos espíritos: a afabilidade e a doçura; A paciência; Obediência e resignação; A cólera
Capítulo X – Bem-aventurados os que são misericordiosos	Perdoai para que Deus vos perdoe; Reconciliar-se com seus adversários; O sacrifício mais agradável a Deus; O cisco e a trave no olho; Não julgueis para não seres julgado. Aquele que não tiver pecado que atire a primeira pedra; Instrução dos espíritos: perdão das ofensas; A indulgência
Capítulo XI – Amar o próximo como a si mesmo	O maior mandamento; Dai a César o que é de César; Instrução dos espíritos: a lei de amor; O egoísmo; A fé e a caridade; Caridade para com os criminosos
Capítulo XII – Amai os vossos inimigos	Pagar o mal com o bem; Inimigos desencarnados;

	Se alguém vos bater na face direita, oferece-lhe a outra; Instrução dos espíritos: a vingança; O ódio; O duelo
--	--

É como base nessas ideias que a Federação Espírita Brasileira (FEB) orienta e sistematiza o que pode e deve ser dito. Através de planos de aulas busca-se desenvolver ações de ensino-aprendizagem no qual, sejam empreendidas práticas que levem os indivíduos a construir conhecimentos que promovam a cooperação e o uso da não-violência para solucionar conflitos, conforme destaca trecho Evangelho segundo o Espiritismo:

Os preceitos do mundo, aos quais se convencionou chamar questão de honra, dão essa suscetibilidade sombria, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade que levam o homem a devolver injúria por injúria, ferida por ferida. Isso parece justiça para aquele cujo sentido moral não se eleva acima das paixões terrestres. É por isso que a lei mosaica dizia: “olho por olho, dente por dente”, lei em harmonia com o tempo em que vivia Moisés. O Cristo veio e disse: “devolvi ao mal com o bem. (KARDEC, 2013, p. 128).

Notamos, no decorrer das observações realizadas ao longo dos meses, que este discurso pacificador se faz presente em muitas das falas e atitudes dos sujeitos colaborados deste estudo. Tomemos como exemplo, para elucidar melhor nossa colocação, o relato da evangelizadora D, quando lhe indagamos acerca do preconceito religioso ao professar sua fé:

(...) ainda existe muito preconceito em relação ao Espiritismo. Até porque muita gente não sabe o que é. Eu mesma já sofri preconceito, mas, meu comportamento é pautado no bem, e, no respeito. Assim, as pessoas acabam, conseqüentemente respeitando a minha religião também, mas, existe preconceito (...). (Evangelizadora D, 2017).

Neste ponto, a evangelizadora M afirma:

(...) eu percebo desconhecimento das pessoas. Algumas tem curiosidade, mas, não sabem do que se trata; umas acham que a questão da mediunidade é a única coisa que se trata numa Casa Espírita. Eu acho que existe um desconhecimento. Minha filha, ainda bem pequena, chegou em casa dizendo que queria

ser católica, porque uma amiga dela da escola, tinha dito que na Casa Espírita não se falava de Deus, que não era uma religião de Deus. Daí minha filha me perguntou se ela poderia ser católica. Nós conversamos, eu e minha filha, e lhe questionei sobre o que falávamos na Casa Espírita, e ela foi dizendo que era sobre Deus, sobre os Jesus e seus ensinamentos, sobre amar o próximo e prática do bem. Então eu lhe disse que aí estava a resposta (...). (Evangelizadora M, 2017).

Outro elemento recorrente, ao analisarmos os dados da pesquisa, faz referência à preocupação dos sujeitos deste estudo em evidenciar a aplicação do ensinamento “amar o próximo como a si mesmo; fazer aos outros o que nós queríamos que os outros nos fizessem”. Esta noção permeia, por exemplo, todo o planejamento das atividades desenvolvidas com as crianças e adolescentes nas aulas de Evangelização.

Numa roda de diálogos observada, numa das visitas realizadas com as turmas de adolescentes, onde o *bullying*, por exemplo, vem sendo cada vez mais frequente, este princípio de respeito ao próximo foi amplamente debatido. Um ponto central neste evento refere-se à preocupação da evangelizadora L em fazer os meninos e meninas, entre 12 e 15 anos, perceberem que aprender a respeitar o próximo, rejeitando qualquer tipo de violência deve ser um hábito diário, estendido para além do espaço do centro espírita, e das pessoas aos quais os mesmos têm afeição.

O discurso da educadora espírita L - acerca da importância de uma educação pela ética e moral, que forneça subsídios para o exercício da reforma íntima, a fim de modificar o pensamento e ações das pessoas, no sentido de formar um “sujeito de bem”, preocupado com a promoção da paz, num processo que auxilie a construção de uma sociedade pacificada – tem um “valor”, pois se encontram num determinado “lugar de fala”, que lhes confere esta especificidade.

A Doutrina Espírita não se define como dogmática, se diz “democrática, no sentido da ausência de sacerdotes, hierarquias, obrigatoriedade de estudos prévios, formação teológica, etc.” (COSTA, 2009, p. 47). Contudo, conforme destaca Orlandi (2005, p. 39),

Se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do

lugar do aluno. Como nossa sociedade é constituída por relações hierárquicas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno.

Assim, utilizando o “poder” que sua posição lhe oferece, enquanto mediadora de ideias, a educadora L é enfática ao chamar os jovens à reflexão da relevância em se construir um mundo onde valores como o respeito à vida, a caridade e a generosidade sejam não a exceção, mas a regra para se conviver.

Contudo, nota-se, em alguns discursos analisados, elementos antagônicos que diferem da ideia central propagada pelo Espiritismo, de amor, respeito e tolerância. A socióloga Aurenéa Maria de Oliveira (2008), em suas pesquisas, afirma, por exemplo, que para distanciar-se das religiões de matrizes Afro-brasileira e indígena muitas casas espíritas acabam referendando preconceitos. Percebemos esta realidade afirmada por Oliveira (2008) na fala da Evangelizadora D:

(...) eu já vi algumas pessoas, no centro espírita, com preconceito com outras religiões, como se só o Espiritismo fosse a religião perfeita, ou a melhor religião, ou a mais certa, e eu não concordo com isso. Eu acho que o importante é você está bem, em qualquer religião, independente de qual seja, e não fazer o mal a ninguém, e nem aos animais, isso eu não concordo. Eu já ouvi, no Centro Espírita, alguns palestrantes falando de outras religiões, da Igreja Católica, por exemplo, por que tem música, que canta, etc., e eu acho isso besteira. Qual é o problema? Se a pessoa está bem, está feliz ali, e aquilo está fazendo bem para ela, isso que é o mais importante (...). (Evangelizadora D, 2017).

Ao expressar-se contrária aos casos de preconceito que já vivenciou, não apenas no Centro Espírita Amor, como em outras casas espíritas, D acaba revelando em seu discurso um preconceito latente, quando afirma não concordar com as religiões que, em suas práticas realizam rituais sagrados de oferendas de animais.

Esta discussão suscitada por Oliveira (2008) é extremamente relevante, visto que, historicamente, as religiões de matrizes Afro-Brasileiras e Indígenas, vêm sofrendo extensas e danosas perseguições sociais, políticas. Oliveira (2008) afirma que esta busca por distanciamento, realizada pelo Espiritismo, e

embasadas, segundo a autora, em concepções eurocêntricas e estigmatizadas pode contribuir para a fomentação de processos de preconceito religioso.

Destacamos que, em nossas análises, alguns palestrantes e /ou evangelizadores(as) apresentam, discursos que se distanciam da ideia basilar do Espiritismo, do respeito. Isso nos faz questionar o quão contraditório é esta realidade, já que a difusão da cultura de paz é amplamente defendida nesses espaços. O preconceito, em suas mais variadas formas, ainda se faz presente nas diversas camadas e instâncias de nossa sociedade, e nisto incluem-se as religiões. Contudo, não podemos generalizar, e tomar como base apenas as ações destes indivíduos, uma vez que, historicamente, o Espiritismo se destaca pelo exercício da caridade e respeito.

Assim, durante nossa pesquisa, as práticas educativas embasadas no debate acerca da diversidade, na cooperação e na promoção da não-violência, a fim de corroborar com a construção de uma sociedade mais justa e equânime, foram identificadas no centro espírita Amor.

CONCLUSÃO

Pensar acerca da educação e dos processos pedagógicos, para além dos muros da Escola, em meio a uma sociedade em constante transformação, que, cada vez mais considera a formação dos sujeitos como ampla e plural, englobado, também a dimensão espiritual, hoje já não causa tanto espanto, nem é rechaçada academicamente.

Dessa maneira, fomentamos um estudo que debatesse sobre a formação humana mais ampla, que considera que os sujeitos se constituem não apenas no campo material/físico, como também no campo espiritual. Esta concepção nos aproximou dos processos pedagógicos desenvolvidos à luz da Doutrina Espírita, uma vez que, para a mesma não existe compreensão da natureza humana dissociado o corpo da alma\espírito. Neste sentido, em busca da transformação da condição humana, os preceitos espíritas difundem um modelo de educação pela moral, que orienta suas ações em princípios éticos.

Esta educação pela moral - que para o Espiritismo deve guiar todas as atividades da vida humana, desde a mais tenra idade, segundo as ideias de Allan Kardec - pode ser ensinada e aprendida por todos, independentemente das concepções religiosas, pois, para o mesmo, o bem-estar comum e a paz devem sobressair ao credo religioso, para assim, construirmos um planeta pacificado.

Em nosso estudo procuramos compreender como esse discurso materializa-se, a partir dos diversos agentes que compõem o referido espaço pesquisado. Tomando por alicerce os ensinamentos de Jesus, retirados do Novo Testamento, e sistematizados no Evangelho Segundo o Espiritismo, as ações desenvolvidas na Casa Espírita Amor possuem uma intencionalidade educativa: promover a “reforma íntima”, ou “autoeducação”, processo de profunda modificação de pensamentos e atos dos indivíduos almejando a construção de um mundo alicerçado no bem, na paz e no amor.

Tal processo é, segundo os preceitos espíritas, um exercício contínuo, uma vez que a formação humana, em suas múltiplas dimensões estaria sempre acontecendo, nunca cessando, nem mesmo após a morte, já que o Espiritismo considera à vida após a morte, e a reencarnação.

Ao desenvolvermos nossas análises pontuamos que as principais práticas educativas se desenvolvem a partir das aulas expositivas dialogadas, dos debates e, tempestades de ideias. Utilizando-se destas metodologias, os agentes pedagógicos elencam situações problemas, a fim de mobilizar as crianças, jovens e adultos assistidos pela casa, criando espaços para discussão de temas relacionados ao bem-estar individual e coletivo.

Neste universo pudemos pontuar que os postulados para a Cultura de Paz, como a tolerância, o respeito e as ações baseadas na não-violência, são cotidianamente referendados, contudo, as discussões acerca dos agentes causadores da violência e da falta de respeito, por exemplo, necessitam ser ampliadas pois, em alguns momentos se dão de modo superficial. Entretanto, salientamos que as propostas pedagógicas fomentadas e desenvolvidas na seara espírita Amor podem desempenhar um papel relevante para a formação cidadã, pautada em princípios éticos, que contribuem para constituição de uma sociedade pacificada.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AMARO, Deigles Giacomelli. **Análise de procedimentos utilizados em uma proposta de formação contínua de educadores em serviço para a construção de prática inclusivas**. 2009. 257f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ANDRÉ, Marli Eliza Afonso. Texto, contexto e significados: algumas sugestões na análise de dados qualitativos, **Cadernos de Pesquisa**, n. 45, p. 66-70, 1983.

_____. O que é um Estudo de Caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA- Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95 – 103, 2013.

ARAÚJO, Miguel Almir. **Abordagem holística na educação**. 1999. Disponível em: <<http://www2.uefs.br/sitientibus/>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35.ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>. Acesso em 19 maio. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em< <http://.mec.gov.br>>. Acesso em: 19 maio. 2017.

BRETTAS, Anderson. **Hippolyte Leon DenizardRivail, ou Allan Kardec**: um professor pestalozziano na França das revoluções. 2012. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2012.

CANDAU, Vera Maria. Construir ecossistemas educativos. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Reinventar a Escola**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 11-16.

CECCHETTI, Elcio. **A laicização do ensino no Brasil (1889-1934)**. 2016. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. 2016.

COSTA, Celma Laurinda Freitas. **A noção de ciência e educação no espiritismo**. 2009. 250 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de Educação. 2009.

DUPRET, Leila. **Cultura de paz e ações socioeducativas**: desafios para a escola contemporânea. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 25 jun. 2017.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

FARIAS, Rosilene Gomes. **Centro Espírita Deus, Amor e Caridade**: mediunidade e legitimação do espiritismo no Pernambuco do início do século XX. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

FRANCO, Maria Amélia. Para um currículo de formação de pedagogos: indicativos. In: PIMENTA, Selma (org.), **Pedagogia e pedagogos**: caminhos e perspectivas, 3. ed., São Paulo: Cortez, 2011, p. 101 – 129.

Federação Espírita Brasileira (FEB). **Conduta espírita e vivência evangélica**: planos de aula. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/>. Acesso em: 20 set. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Helena Perpétua de Aguiar; MEDEIROS, Normândia de Farias Mesquita. **As práticas pedagógicas nos espaços não escolares**: contextos, sujeitos e aprendizagens. 2012. Disponível em: <<http://educonse.com.br/2012>>. Acesso em 17 maio. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal\ não formal**. 2005. p, 1 -11. Disponível em: <<http://www.vdl.ufc.br/solar/aula>>. Acesso em: 27\04\2017.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em educação– IIª Série**, n. 1, p. 35 – 50, 2014. Disponível em: <<http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/ar>>. Acesso em 17 maio. 2017.

_____, A educação não-formal e a relação escola-comunidade **Eccos Revista Científica**, v. 6, n. 2, p. 39 – 65. 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org>>. Acesso em 17 maio. 2017.

_____, **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2011. (coleção questões da nossa época, v. 1).

HAYDT, Regina Célia Casaux. **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática, 2000.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico - 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/>. Acesso em: 18 ago. 2017.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

_____, **O Livro dos Espiritismos**. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

_____, **O Livro dos Médiuns**. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

LÜDEKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o espiritismo**: de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Lanchâtre, 1996.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008.

MINAYO, Maria Cecília. (Org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria. **Multiculturalismo, Pluralismo e Tolerância e/ou Intolerância Religiosa**: a perspectiva dos espíritas kardecistas em Pernambuco em relação aos adeptos das religiões afro-brasileiros. Disponível em: <<http://historico.aps.pt/vicongresso/pdfs/501.pdf>>. Acesso em 17 maio. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Cultura de paz**: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo. Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. – 3ª ed. – Campinas, SP: Pontes, 2002.

RIVAIL, Hippolyte Léon Denizard. **Plano proposto para a melhoria da educação pública**. Tradução Albertina Escudeiro Seco. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005.

RODRIGUES, Olira Saraiva. **Políticas públicas educacionais de espaços não formais de educação**. 2012. Disponível em: <<http://www.anapolis.go.gov.br>>. Acesso em 17 maio. 2017.

RÖHR, Ferdinand (Org.). **Diálogo em educação e espiritualidade**. 2º. ed. Ver. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

_____, **Ética e subjetividade**: uma abordagem integral da educação que inclui a espiritualidade. 2010. Disponível em: <<http://m40s.com/humanizacao/encontro>>. Acesso em 27 abr. 2017.

SILVA, Kalina; SILVA, Maciel. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANNA, Carlos Eduardo Souza. **Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira**. 2006. Disponível em: <http://www.publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/viewFile/41/44>>. Acesso em 27 jan. 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2015. p, 19 – 37.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Cumprimento o/a Sr./Sr.^a _____ ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada Processos pedagógicos: um estudo a partir da Doutrina Espírita, integrante do curso de licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal: compreender como se desenvolvem os processos pedagógicos na Religião Espírita, descrevendo as ações dos agentes que atuam num Centro espírita a fim de, identificar, nos processos formativos desenvolvidos no espaço estudado, subsídios para uma Cultura de Paz, e será realizada por Daniele Maria Soares de Carvalho, estudante do referido curso.

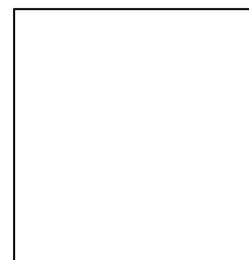
Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista com utilização de recurso de gravador de áudio, a ser transcrito na íntegra quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, contudo, será mantido o anonimato dos respondentes e das organizações participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação desse trabalho contribuirá para o escrever o tema da pesquisa, a partir da produção do conhecimento científico.

1 Consentimento pós-informação

Eu, _____, estou ciente das condições da pesquisa acima referida, da qual livremente participarei, sabendo ainda que não serei remunerado(a) por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo (a) pesquisador(a), ficando uma via para cada um(a).

Recife, PE, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do (a) participante



Assinatura do(a) pesquisador(a)

Impressão do dedo polegar caso o(a) participante não saiba assinar.

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevistas

Dados de Identificação

Nome:

Idade:

Quantos anos no Centro Espírita?

Frequenta outros Centros Espíritas?

Função no Centro Espírita:

1. Como se tornou espírita?
2. Como se aprende no Centro Espírita?
3. Você considera que as ações no Centro Espírita contribuem para construção de uma sociedade embasada numa Cultura de Paz?
4. Percebe algum racismo religioso atrelado ao Espiritismo? Como?
5. Considera relevante que a Escola\educadores conheçam o Espiritismo?

ANEXO I

Plano de aula para evangelização infantojuvenil

PLANO DO MÓDULO III: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA 1º CICLO DE INFÂNCIA				
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CRONOGRAMA	SUBUNIDADES	IDÉIAS BÁSICAS	TÉCNICAS E RECURSOS
<p>* Dizer quem é o nosso semelhante.</p> <p>* Enumerar formas de demonstrar respeito ao nosso semelhante.</p> <p>*Dizer no que consiste a propriedade alheia.</p> <p>* Falar sobre a importância de respeitar o que pertence aos outros.</p>	<p>III UNIDADE</p> <p>RELAÇÕES SOCIAIS</p> <p>6ª E 7ª AULA</p>	<p>RESPEITO AO SEMELHANTE</p>	<p>* “Assim como zelamos pela nossa segurança, também devemos zelar pela segurança dos outros.</p> <p>* Devemos ter cuidado para que nada de mau aconteça ao nosso semelhante, por nossa culpa.</p> <p>* Um dos mais belos exemplos de caridade foi apresentado por Jesus em “A Parábola do Bom Samaritano”, (Lucas, 10:30 - 37), onde se demonstra como deve ser nossa relação com o próximo.</p> <p>* A vida é uma dádiva sublime que merece respeito e nos é oferecida com finalidade específica, não cabendo ao homem o direito de arbítrio nem da sua ou da vida do próximo.</p> <p>* A vida é o bem maior que Deus nos deu. É o tesouro precioso, que devemos proteger e zelar.</p> <p>* Respeitar a vida do nosso próximo é não o aborrecer com brincadeiras maldosas, ofensas ou agressões físicas. É termos o cuidado de não deixar espalhados objetos que possam causar acidentes, como: facas, álcool, gás, garrafas de vidro, cascas de frutas e brinquedos perigosos.</p> <p>* Tratando com respeito o nosso próximo; sendo gentis e educados; evitando-lhe todo o mal que estiver ao nosso alcance; estaremos sendo verdadeiros cristãos, pois Jesus, nosso Irmão e Mestre, nos ensinou também o valor e o significado da vida.</p>	<p>TÉCNICAS</p> <p>* Exposição participativa.</p> <p>.</p> <p>RECURSOS</p> <p>* Jogos didáticos.</p> <p>* Fichas.</p> <p>* Cesto.</p> <p>* Bolas de meia.</p> <p>* Venda.</p> <p>* Quadro de pregas.</p>

ANEXO II

Plano de aula para evangelização infantojuvenil

PLANO DO MÓDULO III: CONDUTA ESPÍRITA – VIVÊNCIA EVANGÉLICA 1º CICLO DE INFÂNCIA				
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CRONOGRAMA	SUBUNIDADES	IDÉIAS BÁSICAS	TÉCNICAS E RECURSOS
<p>* Conceituar caridade.</p> <p>* Citar situações em que podemos ser caridosos.</p> <p>* Conceituar solidariedade.</p> <p>* Enumerar situações em que expressamos solidariedade.</p>	<p>III UNIDADE</p> <p>RELAÇÕES SOCIAIS</p> <p>10ª AULA</p>	CARIDADE	<p>* “Dai gentileza e dar-se-vos-á carinho. ”</p> <p>* “A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes;</p> <p>* Caridade é o bem que se faz ao nosso semelhante, com boa-vontade e desinteresse. É a expressão máxima do ensinamento de Jesus, pois é o amor em ação.</p> <p>* “Todos temos condições de sermos caridosos, porque a caridade não depende de recursos amoedados. Expressa-se no sorriso amigo dado a quem se apresenta triste; na palavra carinhosa dirigida a quem está sozinho; no calar o mal; no perdão das ofensas, mentiras e agressões; na oferta de uma flor delicada; na prece singela ao lado de quem sofre dura enfermidade; na visita breve ao amigo detido no leito; na execução de trabalhos que beneficiem a comunidade, quais sejam: a coleta de lixo; a retirada de objetos perigosos dos locais de maior trânsito, isso, sem aguardar remuneração alguma, no exercício da paciência com as pessoas que conosco convivem.”</p>	<p>TÉCNICAS</p> <p>* Exposição participativa.</p> <p>* Dramatização.</p> <p>RECURSOS</p> <p>* Música.</p> <p>* História e gravuras.</p> <p>* Atividade recreativa.</p>